

## Nyarlathotep

H. P. Lovecraft

Nyarlathotep... o caos rastejante... Eu sou o último... Eu contarei ao vazio o que ouve...

Não me recordo distintamente quando começou, mas foi meses atrás. A tensão geral era horrível. A uma época de revolta política e social juntara-se à uma estranha e crescente apreensão de medonho perigo físico; um perigo difundido e abrangente, um perigo tal como apenas podia ser imaginado nos mais terríveis fantasmas da noite. Recordo-me que as pessoas erravam de um lado para o outro com faces pálidas e preocupadas, e sussurravam avisos e profecias que ninguém ousava repetir ou admitir a si próprio que ouvira. Uma sensação de culpa monstruosa pairava sobre a terra, e para fora dos abismos entre as estrelas sopravam correntes gélidas que faziam os homens tremer em lugares escuros e solitários. Existia uma alteração demoníaca na sucessão das estações — o calor de Outono persistia de forma alarmante, e todos sentiam que o mundo e talvez o universo tinham passado do controle de deuses ou forças conhecidos para aquele de deuses ou forças que eram desconhecidos.

E foi então que Nyarlathotep saiu do Egito. Quem ele era, ninguém conseguia perceber, mas ele era do velho sangue nativo e parecia um Faraó. Os felás ajoelharam-se quando o viram, contudo não conseguiam dizer porquê. Ele disse que havia superado a negridão de vinte e sete séculos, e que tinha ouvido mensagens de lugares fora deste planeta. Para as terras da civilização veio Nyarlathotep, moreno, esbelto, e sinistro, sempre

adquirindo estranhos instrumentos de vidro e metal e combinando-os em instrumentos ainda mais estranhos. Ele falou muito das ciências – da eletricidade e da psicologia – e fez demonstrações de poder que faziam os seus espectadores afastarem-se mudos, e que contudo faziam crescer a sua fama até magnitudes descomedidas. As pessoas aconselhavam-se umas às outras a ir ver Nyarlathotep, e estremeciam. E aonde Nyarlathotep ia, o sossego desaparecia, pois as primeiras horas da manhã eram rasgadas pelos gritos de pesadelo. Nunca antes tinham os gritos de pesadelo sido um tal problema público; agora os homens sábios quase desejavam que pudessem proibir o sono durante as primeiras horas da manhã, de maneira a que os guinchos das cidades pudessem perturbar menos horrivelmente a compassiva lua pálida, enquanto brilhava em águas verdes deslizando por baixo de pontes, e velhos campanários caindo em pedaços contra um céu doentio.

Lembro-me de quando Nyarlathotep chegou a minha cidade – a grande, a velha, a terrível cidade de crimes inumeráveis. O meu amigo havia-me falado dele, e da fascinação impulsiva e encantamento das suas revelações, e a ânsia de explorar os seus derradeiros mistérios queimou dentro de mim. O meu amigo disse que eram horríveis e impressionantes para além das minhas mais febris imaginações; e o que foi projetado em uma tela no quarto escurecido profetizou coisas que ninguém exceto Nyarlathotep ousava profetizar, e no crepitar das suas faíscas foi levado dos homens aquilo que nunca tinha sido levado antes e que, não obstante, se revelava apenas nos olhos. E eu ouvi sugerido no estrangeiro que aqueles que conheciam Nyarlathotep

contemplavam visões que outros não viam.

Foi no Outono quente que atravessei a noite com as multidões inquietas para ver Nyarlathotep; ao longo da noite abafada e subindo os intermináveis degraus até ao quarto sufocante. E, sombreadas em uma tela, vi formas encapuçadas entre ruínas, e malévolas faces amarelas espreitando por detrás de monumentos caídos. E eu vi o mundo batalhando contra a negridão; contra as ondas de destruição vindas do espaço último; rodopiando, agitando-se, lutando em redor do sol que escurecia, esfriava. Então as faíscas dançaram assombrosamente em volta das cabeças dos espectadores, e cabelos eriçaram-se enquanto sombras mais grotescas do que posso contar apareceram e se agacharam sobre as cabeças. E quando eu, que era mais frio e científico que os restantes, resmunguei um protesto trêmulo sobre “embuste” e “eletricidade estática,” Nyarlathotep mandou-nos a todos para fora, pelos degraus atordoados até às ruas da meia-noite, úmidas, quentes, desertas. Gritei em voz alta que não tinha medo; que eu nunca poderia ter medo; e outros gritaram comigo para encontrar conforto. Juramos uns aos outros que a cidade estava exatamente na mesma, e ainda viva; e quando as luzes elétricas começaram a enfraquecer amaldiçoamos a Companhia inúmeras vezes, e rimos das caretas embaraçosas que fizemos.

Penso que sentimos algo descer da lua esverdeada, pois quando começamos a depender da sua luz demos por nós vagueando no meio de curiosas formações involuntárias em marcha e parecíamos saber os nossos destinos embora não ousássemos pensar neles. Em uma ocasião olhamos para o pavimento e descobrimos as

pedras soltas e deslocadas pela relva, e mal uma linha de metal enferrujado a mostrar por onde os elétricos se haviam movido. E outra vez vimos nós, um bonde elétrico, solitário, sem janelas, dilapidado, e quase caído de lado. Quando fitamos em redor o horizonte, não conseguimos encontrar a terceira torre à beira-rio, e notamos que a silhueta da segunda torre estava dentada no topo. Então dividimo-nos em colunas estreitas, cada uma das quais parecendo atraída em uma direção diferente. Uma desapareceu por uma apertada viela para a esquerda, deixando só o eco de um chocante gemido. Outra marchou por uma entrada de metro obstruída por ervas daninhas abaixo, uivando com gargalhadas que eram loucas. A minha própria coluna foi sugada rumo a terreno aberto, e presentemente eu sentia um frio que não era do Outono quente; pois enquanto nós caminhávamos silenciosamente pelo pântano escuro, vimos em nosso redor a infernal cintilação lunar de neves malignas. Inexplicáveis neves sem rasto eram varridas para longe em uma só direção, onde se estendia um golfo tornado ainda mais negro pelas suas paredes reluzentes. A coluna parecia mesmo muito magra à medida que caminhava ensonada e pesarosa para dentro do golfo. Eu fiquei para trás, pois a fenda negra na neve verde-iluminada era assustadora, e pensei ter ouvido as reverberações de uma inquietante lamúria quando os meus companheiros desapareceram; mas o meu poder para ficar era débil. Como se chamado por aqueles que tinham ido antes, eu como que flutuei por entre as titânicas massas de neve, tremendo e amedrontado, para dentro do vazio vórtice do inimaginável.

Formidavelmente racional, ou pasmadamente

delirante, só os deuses que eram podem dizer. Uma adoentada e sensível sombra contorcendo-se em mãos que não são mãos, e arrastada rodopiando cegamente por horríveis meias-noites de criação pútrida, cadáveres de mundos mortos com chagas que foram cidades, ventos sepulcrais que roçam estrelas pálidas e as fazem tremeluzir levemente. Para além dos mundos fantasmas vagos de coisas monstruosas; colunas semi-vislumbradas de templos não-santificados que jazem sobre pedras sem nome debaixo do espaço e se erguem alcançando estonteantes vácuos sobre as esferas de luz e escuridão. E por este revoltante cemitério do universo o abafado e enlouquecedor bater de tambores, e fina e monótona lamúria de flautas blasfemas vinda de inconcebíveis e não-iluminadas câmaras além do Tempo; o detestável martelar e assobiar ao som dos quais dançam lenta, desajeitada e absurdamente, os gigantescos e tenebrosos deuses supremos — as gárgulas cegas, mudas, e imbecis cuja alma é Nyarlathotep...